

Atividade física no lazer: fatores associados e interação com gosto e preferência pela prática em adolescentes

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509202000010101>

Cecília BERTUOL*
Kelly Samara da SILVA*
Cassiano Ricardo RECH*
Giovâni Firpo Del DUCA*
Adair da Silva LOPES*
Markus Vinicius NAHAS*

*Centro de Desportos,
Universidade Federal
de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Resumo

Os objetivos do estudo foram analisar os fatores sociodemográficos e psicossociais associados à prática de atividade física no tempo de lazer (AFTL), e testar a interação entre o gosto e a preferência por atividade física (AF) sobre a prática de AFTL, de acordo com o sexo. Trata-se de um estudo transversal (projeto CompAC 2011) e representativo dos estudantes (15 a 19 anos de idade) do ensino médio das escolas estaduais de Santa Catarina, Brasil (n= 6.529). A variável desfecho foi a realização de alguma AFTL, definida por autorrelato (sim/não). As variáveis de exposição foram fatores sociodemográficos (idade, área de residência, arranjo familiar, turno de estudo, situação ocupacional, renda familiar e escolaridade materna) e psicossociais (gosto e preferência pela prática de AF). Regressão logística binária e o teste de interação de fatores foram realizados. A AFTL esteve associada com o turno de estudo ($OR_{\text{noturno}} = 0,59$) e a escolaridade materna nos rapazes ($OR_{\text{ensino médio}} = 1,64$; $OR_{\text{ensino superior}} = 1,55$) e, nas moças, com a idade ($OR_{17 \text{ anos}} = 0,70$; $OR_{18 \text{ anos}} = 0,42$), o turno de estudo ($OR_{\text{noturno}} = 0,57$) e a renda familiar ($OR_{\geq 6 \text{ salários mínimos}} = 1,42$). O gosto e a preferência também influenciam positivamente a realização da AF em ambos os sexos (rapazes: $OR_{\text{gosta}} = 4,46$; $OR_{\text{prefere}} = 5,70$ e moças: $OR_{\text{gosta}} = 4,04$; $OR_{\text{prefere}} = 3,10$). Por fim, observou-se um efeito sinérgico entre os fatores psicossociais, indicando que aumentar essas percepções pode promover maior engajamento em AFTL nessa população. Pode-se concluir que alguns fatores sociodemográficos parecem ter maior relação com a prática de AFTL que outros, e que o gosto e a preferência por AF apresentam associação e interação positiva com a AFTL.

PALAVRAS-CHAVE: Atividade Motora; Estudantes; Fatores Sociodemográficos; Aspectos Psicossociais.

Introdução

Os benefícios da prática de atividade física (AF) em adolescentes têm sido frequentemente explorados¹, no entanto estudos nacionais² e internacionais³ demonstram que a prevalência de adolescentes que praticam atividade física no tempo de lazer (AFTL) ainda alcança proporções bem abaixo do previsto pelas metas estipuladas por instituições governamentais⁴. Revisão sistemática⁵ e de meta-análise⁶ constataram que a prevalência insuficiente de AF (classificada como <300 minutos por semana de AF moderada a vigorosa) em adolescentes variou de 18,7% a 90,6% e de 5,4%

a 91,0%, respectivamente, com quase um terço dos rapazes e mais de dois terços das moças relatando prevalências acima de 50%⁶.

Além disso, evidências apontam que a prática de AF possui relação com aspectos sociodemográficos, indicando que os adolescentes de menor idade, do sexo masculino, com alto estatus socioeconômico (avaliado pela posição social, econômica e educacional), e cujo o envolvimento familiar em AF é positivo apresentaram maiores chances de serem fisicamente ativos⁷. Contudo, outros aspectos intrapessoais, como o gosto e a preferência por AF

(atitudes positivas ao comportamento ativo), são pouco consensuais quanto a suas associações com a AF. Em metanálise realizada por KEATING et al.⁸, evidenciou-se que o gosto foi mais associado com AF em rapazes que em moças, além de ser um dos principais determinantes cognitivos associados ao comportamento ativo, junto com a autoeficácia e a motivação pela prática. No entanto, essa atitude não esteve associada com maiores níveis de AF moderada a vigorosa em outro estudo⁹.

Para a preferência, os achados demonstram que os rapazes preferem mais AF que as moças^{10,11} e que esse aspecto psicossocial, quando analisado em conjunto a outras opções de atividades de lazer, apresenta influência direta na realização do comportamento ativo^{12,13}. Destaca-se também que a chance de preferir AF é maior para os sujeitos que já estão engajados em algum tipo de comportamento ativo, como as atividades realizadas durante as aulas de Educação Física^{4,10}.

Diante do exposto, investigar a relação entre os aspectos sociodemográficos e psicossociais na realização de AF em adolescentes pode auxiliar na intervenção e na promoção da AF neste público, seja com o intuito de estimular a prática, o gosto e a preferência ou de atender às recomendações de AF. Ainda, considerando que a adolescência é um momento de extrema importância para a aquisição e manutenção de hábitos saudáveis e que os comportamentos estabelecidos durante essa fase refletem na idade adulta¹⁴, explorar os aspectos sociodemográficos e psicossociais sobre a prática de AF pode contribuir expressivamente na realidade na qual esses adolescentes estão inseridos.

Sabe-se que a adoção da prática de AF abrange diversos fatores, contudo destaca-se, neste trabalho, a importância dos aspectos sociodemográficos e psicossociais na aquisição deste comportamento. O primeiro, juntamente com os fatores ambientais e culturais, são os determinantes mais distais na

cadeia causal da adoção da AF, porém de maior acesso à comunidade acadêmica. Por exemplo, já se tem um certo aporte de evidências de que rapazes praticam mais AF que moças, adolescentes mais jovens estão mais envolvidos nessa prática que os mais velhos^{7,15}. No entanto, outros subgrupos ainda foram pouco explorados, como área residencial, agregação familiar e turno de estudo, assim como outros ainda não apresentam uma clara direção de associação, como a renda familiar e a escolaridade dos pais^{7,16}.

Ainda, a caracterização desses grupos influencia os fatores psicossociais (determinantes proximais). Esses, por sua vez, merecem destaque, uma vez que são os principais mediadores de grande parte das teorias e modelos na determinação da AF¹⁷. Reconhece-se que esses fatores não agem de forma isolada e que podem sofrer constantes mudanças, e por isso deveriam ser mais investigados em estudos relacionais com interação de fatores, pois seus reconhecimentos podem favorecer o direcionamento apropriado de propostas de intervenção, uma vez que são estratégias potenciais para estimular e encorajar os adolescentes no envolvimento com a AF.

Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo investigar os fatores sociodemográficos e psicossociais associados à prática de AFTL e testar a interação entre o gosto e a preferência por AF com a realização da prática de AFTL, em rapazes e moças estudantes de um estado da região Sul do Brasil. As hipóteses são que alguns fatores sociodemográficos parecem ter maior relação com a prática de AFTL que outros, que o gosto e a preferência por AF apresentam uma associação positiva com a AFTL. Também que essas relações se manifestam de maneira diferente em rapazes e moças (seja na extensão, direção ou força da relação), e ainda, que a interação entre o gosto e a preferência por AF apresenta um efeito adicional positivo sobre a prática da AFTL.

Método

Procedimentos e participantes

Trata-se de um estudo derivado do projeto “Estilo de vida e comportamentos de risco de jovens catarinenses – CompAC 2 (Comportamentos dos Adolescentes Catarinenses)”, com delineamento transversal e representativo das escolas estaduais

do estado de Santa Catarina. A coleta de dados foi conduzida no período de agosto a outubro de 2011 e contou com a participação de 6.529 estudantes. Os participantes elegíveis para a composição da amostra eram estudantes matriculados regularmente no ensino médio da rede pública estadual de Santa Catarina, região Sul do Brasil, com 15 a 19 anos

de idade, de ambos os sexos e que estudavam nos turnos diurno e noturno.

Para o cálculo amostral, levou-se em consideração prevalência desconhecida estimada em 50%, nível de confiança de 95% e erro máximo de dois pontos percentuais. Em virtude de a amostra ser por conglomerados e para efeito de delineamento, o valor encontrado foi multiplicado por dois ($n=4.746$) e, posteriormente, acrescentou-se mais 25% para prováveis casos de perdas ou recusas durante o processo de coleta, totalizando um tamanho amostral estimado em 5.932 adolescentes.

Quanto aos procedimentos de amostragem, as regiões geográficas do estado de Santa Catarina e suas respectivas Gerências Regionais de Educação representavam os estratos. A seleção da amostra foi conduzida em dois momentos: (1) sorteio das escolas de acordo com o porte (grande: ≥ 500 alunos; médio: de 200 a 499 alunos e pequeno: < 200 alunos) e (2) sorteio das turmas, estratificadas segundo o turno e a série escolar. Informações adicionais sobre os aspectos metodológicos podem ser consultadas em trabalho previamente publicado¹⁸.

Medidas

Utilizou-se o questionário CompAC, baseado em instrumentos internacionais publicados na literatura e considerando as questões de reprodutibilidade, objetividade e validade de face e conteúdo, realizada e validada por três especialistas¹⁹. Para o inquérito de 2011, foi procedido mais um teste de reprodutibilidade (R) mediante o procedimento de teste-reteste e os valores de R variaram de 0,51 a 0,96¹². Para o desfecho investigado, o percentual de concordância apresentado no índice Kappa foi de 98,7%; para os fatores sociodemográficos o percentual variou de 87,3% (escolaridade da mãe) a 99,0% (área de residência); enquanto os fatores psicossociais concordaram em 79,8% para a preferência e 79,7% para o gosto por AF (dados não publicados).

A variável desfecho considerou a prática de AF realizada no contexto do lazer (faz AF *versus* não faz) em uma semana habitual, independente da sua intensidade, frequência e duração. A mesma foi extraída de uma questão em que os participantes deveriam preencher um quadro com uma lista com 20 opções de AF (sendo uma das opções “outras atividades”) mais a opção “não pratico AF”. As variáveis de exposição

foram aquelas sociodemográficas (idade, área de residência, arranjo familiar, turno de estudo, situação ocupacional, renda familiar e escolaridade materna - cujo detalhamento das categorizações pode ser visualizado na TABELA 1) e psicossociais, relacionadas ao gosto pela AF e pela preferência por atividades de lazer. Essas, por sua vez, foram extraídas a partir de duas questões: “Eu gosto de fazer AF. O que você diria desta afirmação” e “Qual a atividade de lazer de sua preferência?”. A variável referente ao gosto pela AF foi categorizada em “gosta de AF” (para aqueles que relataram concordar em parte ou totalmente) e “não gosta de AF” (para os participantes que discordaram totalmente, parcialmente ou nem concordaram/nem discordaram da afirmativa). Para a preferência por atividades de lazer, considerou-se a preferência por AF *versus* a preferência por outras atividades (agrupamento das categorias jogos de mesa, assistir TV, jogar videogame, usar o computador, atividades culturais, atividades manuais e outras atividades realizadas que não envolvessem AF).

Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio do software estatístico Stata® Standard Edition, versão 13.0 (StataCorp LP, Estados Unidos). Com a utilização de ferramentas disponíveis no programa, incorporou-se metodologia para estudos complexos e de ponderação para todos os procedimentos, acrescentando o prefixo “*vsvset*” para considerar os estratos, conglomerados e peso da amostra (número de turmas existentes nas escolas e o número de escolas existentes em cada estrato). Para testar a associação entre os fatores sociodemográficos e psicossociais e a variável desfecho, realizaram-se regressões logísticas binárias (bruta e ajustada), com os resultados expressos em *Odds Ratio* (OR) e seus respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%). O modelo conceitual de análise respeitou a entrada simultânea das variáveis e considerou nível de significância para p-valor $< 0,05$.

Adicionalmente, verificou-se a interação entre os aspectos psicossociais e a prática de AFTL a partir do teste de multiplicação de fatores e, havendo significância pelo p-valor, os termos de interação foram avaliados por meio de regressão logística binária, ajustados para os fatores sociodemográficos. Assim, para verificar a modificação da realização de AF conforme o gosto e a preferência, levou-se em consideração a combinação das variáveis

psicossociais, categorizadas em três formas: (1) aqueles que gostam e preferem AF, (2) aqueles que gostam de AF, mas preferem outras atividades e (3) os que não gostam de AF, independente da preferência por atividades de lazer, sendo esta última a categoria de referência para as análises.

Aspectos éticos

Todos os procedimentos realizados no estudo

Resultados

Participaram do estudo 6.529 adolescentes (57,8% moças) com média de idade de 16,3 anos ($\pm 1,00$). Maior parte da amostra residia em área urbana (80,4%), morava com a família (97,6%) e estudava no turno diurno (74,3%). Ainda, observou-se maior proporção de adolescentes que trabalhavam (50,6%), que possuíam renda familiar de três a cinco salários mínimos (50,3%) e que tinham mães com escolaridade até o ensino fundamental (54,4%). Em relação aos aspectos psicossociais, 82,5% dos participantes reportaram gostar de AF e apenas 35,8% preferiam essa prática no tempo de lazer.

Quanto à variável desfecho, observou-se que 70,6% dos adolescentes realizavam uma ou mais AFTL, sendo que os rapazes (85,3%; IC95%: 83,4; 87,0) apresentaram maior proporção para a realização dessa prática em comparação às moças (59,8; IC95%: 56,3; 63,1). Características da prática de AFTL de acordo com cada aspecto sociodemográfico e psicossocial podem ser visualizadas na TABELA 1.

Após o ajuste para as variáveis de exposição (TABELA 2), observou-se que adolescentes do sexo feminino (OR= 0,26; IC95%: 0,21; 0,32) com 17 (OR= 0,71; IC95%: 0,57; 0,88) e 18 (OR= 0,51; IC95%: 0,35; 0,75) anos de idade e que estudavam no turno noturno (OR= 0,58; IC95%: 0,45; 0,74) reportaram menor prática de AFTL quando comparados aos seus pares. Em contraste, aqueles com renda familiar maior ou igual a seis salários mínimos (OR= 1,36; IC95%: 1,11; 1,68), que gostavam (OR= 4,19; IC95%: 3,47; 5,04) e preferiam AF (OR= 3,60; IC95%: 2,87; 4,53) reportaram ser mais prováveis de praticar AF no lazer. Quando as análises foram

foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (parecer nº: 1029/2010). Termos de consentimento livre e esclarecido na versão negativa foram entregues, em que os pais ou responsáveis legais somente o assinavam caso não concordassem com a participação de seus filhos na pesquisa. Além disso, garantiu-se o anonimato de todos os envolvidos, bem como o sigilo das informações coletadas.

estratificadas pelo sexo, observou-se que rapazes que estudavam no período noturno (OR= 0,59; IC95%: 0,42; 0,83) tinham menor chance de praticar AF, enquanto aqueles com mães que tinham ensino superior (OR_{ensino médio} = 1,64; IC95%: 1,18; 2,27; OR_{ensino superior} = 1,55; IC95%: 0,99; 2,43) e que apresentavam atitudes positivas para a prática de AF (OR_{gosto} = 4,46; IC95%: 3,24; 6,14; OR_{preferência} = 5,70; IC95%: 3,86; 8,40) apresentaram chance maior que os seus pares de praticar AF no lazer. Para as moças, a prática de AF foi menor para aquelas com 17 (OR= 0,70; IC95%: 0,53; 0,92) e 18 (OR= 0,42; IC95%: 0,26; 0,68) anos, e que estudavam no turno noturno (OR= 0,57; IC95%: 0,43; 0,76), e maior para aquelas com renda igual ou superior a seis salários mínimos (OR= 1,42; IC95%: 1,06; 1,91). Quanto aos aspectos psicossociais, constatou-se que aquelas que gostavam (OR= 4,04; IC95%: 3,12; 5,22) e preferiam AF (OR= 3,10; IC95%: 2,38; 4,04) também eram mais favoráveis à realização dessa prática no tempo de lazer.

Ao analisar a interação entre gosto e preferência sobre a prática de AF, os resultados indicaram que a presença de um ou mais aspectos psicossociais favorecem a realização de AFTL (FIGURA 1). Dessa forma, rapazes e moças que gostavam e preferiam AF tinham 19,76 (IC95%: 12,79; 30,53) e 11,14 (IC95%: 8,33; 14,90) vezes mais chance, respectivamente, de realizar AF quando comparados àqueles que não gostam de AF independente da sua preferência. Ainda, aqueles que gostavam de AF, mas relataram preferir outra atividade no lazer tinham 3,65 (IC95%_{rapazes}: 2,63; 5,07) e 3,64 (IC95%_{moças}: 2,75; 4,83) vezes mais chance de praticar AFTL.

TABELA 1 - Distribuição da prática de atividade física no tempo de lazer de acordo com variáveis sociodemográficas e psicossociais em adolescentes. Santa Catarina, Brasil, 2011 (n= 4.576)

Variáveis	Total (n= 4.576)			Rapazes (n= 2.419)			Moças (n= 2.157)		
	n	%	IC 95%	n	%	IC 95%	n	%	IC 95%
Mora com a família	4446	70,79	68,42; 73,06	2361	85,34	83,49; 87,01	2085	59,98	56,49; 63,38
Mora com outros	111	60,57	51,12; 69,23	51	86,13	70,29; 94,22	60	50,27	39,91; 60,61
Turno de estudo									
Diurno	2907	72,91	70,31; 75,36	1387	88,04	85,94; 89,86	1520	63,03	59,29; 66,61
Noturno	1669	63,72	59,52; 67,71	1032	79,01	75,91; 81,81	637	48,28	42,56; 54,04
Situação ocupacional									
Trabalha	2602	71,69	69,05; 74,20	1564	84,48	81,88; 86,76	1038	59,01	54,85; 63,05
Não trabalha	1974	69,45	66,27; 72,46	855	86,58	84,14; 88,70	1119	60,39	56,30; 64,35
Renda familiar									
Até 2 salários mínimos	1422	64,33	61,11; 67,42	600	84,87	81,74; 87,55	822	55,40	51,61; 59,13
De 3 a 5 salários mínimos	2235	71,35	68,06; 74,43	1207	84,22	81,33; 86,74	1028	61,58	56,38; 66,53
6 ou mais salários mínimos	868	78,74	75,89; 81,34	589	87,38	83,77; 90,28	279	65,37	58,73; 71,47
Escolaridade da mãe									
Ensino fundamental	2476	68,24	65,25; 71,08	1228	82,76	80,57; 84,74	1248	58,87	54,74; 62,89
Ensino médio	1357	73,06	69,89; 76,01	747	88,46	85,17; 91,10	610	61,11	56,83; 65,22
Ensino superior	512	75,77	70,53; 80,34	290	89,77	85,55; 92,86	222	63,39	55,38; 70,72
Gosto por atividade física									
Não gosta	467	38,01	34,36; 41,81	231	57,80	52,34; 63,08	236	28,96	25,15; 33,08
Gosta	4093	77,52	75,07; 79,76	2179	89,35	87,66; 90,83	1914	67,98	64,24; 71,49
Preferência por atividade no lazer									
Prefere outras atividades	2491	60,60	57,72; 63,40	1211	77,04	74,17; 79,68	1280	51,19	47,61; 54,76
Prefere atividade física	2007	88,30	86,07; 90,20	1155	95,76	93,98; 97,03	852	80,16	76,40; 83,46

IC 95%: intervalos de confiança de 95%. A variável escolaridade da mãe teve o maior número de informações ignoradas para ambos os sexos (354 missings no total, sendo 200 para os rapazes e 154 para as moças).

TABELA 2 - Análises bruta e ajustada da prática de atividade física no tempo de lazer em adolescentes. Santa Catarina, Brasil, 2011 (n= 5.912)

Variáveis	Total (n= 5.912)				Rapazes (n= 2.587)				Moças (n= 3.325)			
	Bruta		Ajustada		Bruta		Ajustada		Bruta		Ajustada	
	OR	IC 95%	OR	IC 95%	OR	IC 95%	OR	IC 95%	OR	IC 95%	OR	IC 95%
Idade (anos)												
15	1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		1,00	
16	0,84	0,71; 1,01	0,89	0,72; 1,10	1,01	0,72; 1,40	1,13	0,78; 1,66	0,77	0,62; 0,97	0,82	0,63; 1,05
17	0,72	0,60; 0,87	0,71	0,57; 0,88	0,73	0,52; 1,01	0,75	0,52; 1,09	0,68	0,53; 0,87	0,70	0,53; 0,92
18	0,55	0,41; 0,74	0,51	0,35; 0,75	0,60	0,38; 0,96	0,75	0,42; 1,32	0,37	0,23; 0,60	0,42	0,26; 0,68
19	0,72	0,45; 1,14	0,63	0,34; 1,18	0,68	0,34; 1,34	0,57	0,24; 1,29	0,45	0,23; 0,89	0,69	0,30; 1,60

OR: odds ratio. IC 95%: intervalos de confiança de 95%. Ajustado para idade, área de residência, arranjo familiar, turno de estudo, situação ocupacional, renda familiar, escolaridade da mãe, gosto por atividade física e preferência por atividade no lazer.

continua

continuação													
Variáveis	Total (n= 5.912)				Rapazes (n= 2.587)				Moças (n= 3.325)				
	Bruta		Ajustada		Bruta		Ajustada		Bruta		Ajustada		
	OR	IC 95%	OR	IC 95%	OR	IC 95%	OR	IC 95%	OR	IC 95%	OR	IC 95%	
Área de residência													
Urbana	1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		
Rural	1,18	0,98; 1,44	1,17	0,95; 1,45	1,30	0,91; 1,85	1,33	0,88; 2,01	1,22	0,93; 1,60	1,12	0,84; 1,49	
Arranjo familiar													
Mora com a família	1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		
Mora com outros	0,63	0,44; 0,93	0,89	0,60; 1,32	1,07	0,44; 2,62	1,28	0,49; 3,38	0,67	0,45; 1,01	0,82	0,55; 1,23	
Turno de estudo													
Diurno	1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		
Noturno	0,65	0,53; 0,81	0,58	0,45; 0,74	0,51	0,40; 0,66	0,59	0,42; 0,83	0,55	0,42; 0,71	0,57	0,43; 0,76	
Situação ocupacional													
Não trabalha	1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		
Trabalha	1,11	0,95; 1,31	0,98	0,80; 1,20	0,84	0,65; 1,10	0,86	0,63; 1,18	0,94	0,78; 1,14	1,03	0,81; 1,31	
Renda familiar													
Até 2 salários mínimos	1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		
De 3 a 5 salários mínimos	1,38	1,17; 1,63	1,08	0,90; 1,29	0,95	0,68; 1,33	0,91	0,64; 1,31	1,29	1,03; 1,62	1,28	0,89; 1,44	
6 ou mais salários mínimos	2,05	1,67; 2,53	1,36	1,11; 1,68	1,23	0,82; 1,85	1,19	0,80; 1,77	1,52	1,11; 2,08	1,42	1,06; 1,91	
Escolaridade da mãe													
Ensino fundamental	1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		
Ensino médio	1,26	1,06; 1,51	1,20	0,98; 1,29	1,60	1,19; 2,14	1,64	1,18; 2,27	1,10	0,91; 1,33	1,07	0,84; 1,36	
Ensino superior	1,46	1,10; 1,92	1,24	0,95; 1,63	1,83	1,27; 2,63	1,55	0,99; 2,43	1,21	0,85; 1,72	1,13	0,78; 1,62	
Gosto por atividade física													
Não gosta	1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		
Gosta	5,62	4,62; 6,85	4,19	3,47; 5,04	6,12	4,83; 7,77	4,46	3,24; 6,14	5,21	4,09; 6,63	4,04	3,12; 5,22	
Preferência por atividade no lazer													
Prefere outras atividades	1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		1,00		
Prefere atividade física	4,91	3,96; 6,08	3,60	2,87; 4,53	6,73	4,66; 9,73	5,70	3,86; 8,40	3,85	3,07; 4,83	3,10	2,38; 4,04	

OR: *odds ratio*. GP: adolescentes que gostam e preferem atividade física. GNP: adolescentes que gostam de atividade física, mas não a preferem (preferem outras atividades no lazer). * Resultados significativos com base nos Intervalos de Confiança de 95%. Categoria de referência: adolescentes que não gostam de atividade física, independente da preferência pelas atividades de lazer (indicada pela linha tracejada). Ajustado para: idade, área de residência, arranjo familiar, turno de estudo, situação ocupacional, renda familiar e escolaridade da mãe. $p < 0,001$.

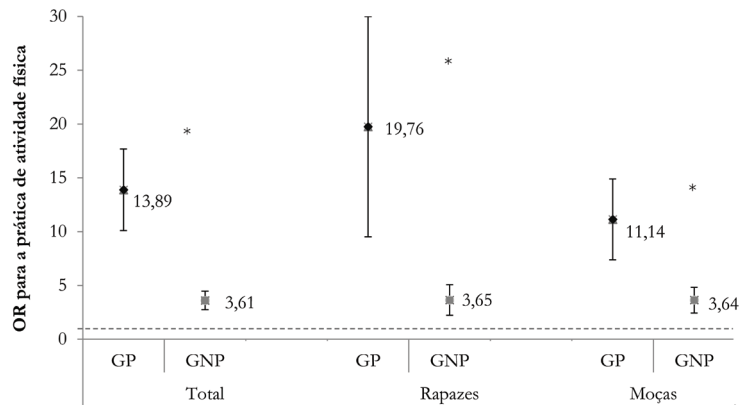


FIGURA 1 - Odds Ratio para a prática de atividade física no tempo de lazer a partir da interação entre gosto por atividades físicas e preferência por atividades de lazer, estratificada pelo sexo. Santa Catarina, 2011 (n=5.912)

Discussão

Os resultados do estudo indicam que rapazes relataram praticar mais AFTL que as moças, indo ao encontro dos resultados encontrados no cenário brasileiro^{2,20} e internacional^{21,22}. Percebe-se que os rapazes, além de manifestarem mais atitudes positivas em relação à prática de AF, tendem ser mais suscetíveis à realização de AF em função de alguns aspectos sociais^{23,24}, culturais²³ e biológicos²⁵. Ainda, a própria intensidade das atividades, apesar de não investigada no presente estudo, pode estar relacionada com o maior envolvimento dos rapazes em confronto às moças, já que estas preferem atividades de lazer de baixa intensidade⁷.

A idade também pareceu ter relação com a prática de AF, indicando que os adolescentes com mais idade (17 e 18 anos) realizam menos AFTL em relação aos mais jovens (15 anos). Este resultado foi similar na análise bruta para os rapazes e na análise ajustada para as moças. Sabe-se que os níveis de AF têm diminuído com o avanço da idade^{15,26}, no entanto estes resultados ainda permanecem inconsistentes na literatura em diferentes faixas etárias^{27,28}. Os achados aqui encontrados podem ser justificados por fatores biológicos, relacionados com as baixas doses de neurotransmissores (como a noradrenalina, a serotonina e a dopamina), elementos esses associados à motivação para a

realização de determinados movimentos^{29,30}. Além disso, outra possível explicação pode estar vinculada ao momento no qual os adolescentes mais velhos se encontram, cuja transição para a vida adulta faz com que as obrigações voltadas ao estudo e/ou trabalho e à entrada na universidade mudem seu estilo de vida³¹.

Quanto à área de residência, constatou-se que morar em área urbana ou rural não está associado a relação com a prática de AFTL. Enquanto Tenório e colegas³² verificaram que os estudantes residentes em área rural tinham chance maior de serem classificados como insuficientemente ativos, demais pesquisadores^{33,34} observaram o oposto. Uma possível elucidação para os achados do trabalho em questão diz respeito às oportunidades dadas a população de área urbana, uma vez que a oferta e o acesso a locais para a prática de AF são maiores^{32,34}. Paralelamente, indivíduos que residem em área rural têm mais possibilidade de realizar AFTL não estruturada, visto que essas atividades podem ser realizadas em ambientes próximos das moradias de quem as pratica, o que não ocorre com frequência nas áreas urbanas. Além disso, ainda que os locais reservados para a prática de AF no contexto rural sejam mais distantes, são livres de tráfego³⁵.

O arranjo familiar também não apresentou

diferenças significativas para a prática de AFTL, independente do sexo. Ainda que os membros da família sejam responsáveis por exercer influências nas atitudes e nos comportamentos dos adolescentes, a comunidade, a escola e o trabalho também apresentam agentes importantes na transmissão de valores e normas^{7,36}. Dessa forma, os adolescentes se distanciam das pessoas mais próximas, como a família, e podem deixar de considerar os conselhos, valores e atitudes daqueles que, anteriormente, tinham maior influência sobre eles^{7,12}. Por exemplo, um estudo realizado em João Pessoa (PB) verificou que o suporte social para a prática de AF varia de acordo com o sexo e a idade, de modo que o apoio dos amigos é mais influente entre os rapazes e os adolescentes mais velhos (7 a 19 anos), enquanto o dos pais influencia as moças e os adolescentes mais novos (14 a 16 anos)³⁷. Isso acontece pois, durante a adolescência, os indivíduos passam a ter maior desenvolvimento do senso de autonomia e da percepção de independência⁷, influenciando suas atitudes³⁸ e seus hábitos saudáveis.

Quando analisado o turno de estudo, verificou-se que tanto os rapazes quanto as moças estudantes no período diurno realizavam mais AFTL que aqueles do turno noturno. Reconhece-se que as atividades desenvolvidas no âmbito escolar se diferenciam de acordo com o turno, em especial pelo fato de o turno noturno ter, em sua maioria, estudantes trabalhadores^{8,39} e que possuem menos tempo livre para a prática de AF³³. Ainda, a única oportunidade que alguns estudantes possuem para se engajar em alguma AF é durante as aulas de Educação Física⁴⁰, sendo que essas não são consideradas no tempo de lazer. Diante disso, considerando a distinção entre os turnos no tratamento dos alunos e no ensino, a escola poderia contribuir de forma mais eficaz na oferta de atividades que despertem a curiosidade e outros aspectos psicossociais nesse público. Assim, as atitudes positivas voltadas ao comportamento ativo obtidas nesse ambiente podem exercer um papel relevante na manutenção de um estilo de vida ativo⁴¹ em outros contextos que não apenas o escolar.

Em relação à situação ocupacional, não foi possível observar diferenças significativas após o ajuste dos dados para a AFTL. Pesquisas desenvolvidas com adolescentes estudantes do ensino médio apresentaram resultados contrários, em que ora os trabalhadores são considerados mais ativos fisicamente em relação àqueles que não trabalham³², ora obtém níveis maiores de inatividade¹⁹. Ainda que o trabalho e possíveis associações com a prática de

AFTL careça de estudos, supõe-se que os achados do presente trabalho possam ter sido mascarados em função de não serem realizados testes de interação entre a variável de situação ocupacional e demais variáveis sociodemográficas e psicossociais. Nesse sentido, sugere-se mais investigações acerca do tema, a fim de contribuir com esclarecimentos entre a relação dessas variáveis, bem como com a busca de alternativas e investimentos que auxiliem na percepção positiva dessas atitudes.

Quando analisada a renda familiar, moças cujos pais recebiam seis ou mais salários mínimos praticavam mais AFTL em comparação àquelas de menor renda. Esse resultado é semelhante à conclusão de uma revisão sistemática¹⁶, em que 58% dos estudos revisados verificaram que adolescentes pertencentes a famílias com alto poder aquisitivo tinham uma propensão maior de serem fisicamente ativas que aqueles com baixo nível socioeconômico. Esse fato pode estar vinculado à desigualdade no acesso a ambientes adequados para realização de AFTL e com a disponibilidade de tempo para a realização dessa prática^{2,42}. Ainda, indivíduos com maior renda dispõem de maior suporte social⁴³, proporcionando mais possibilidades e facilidades para a prática de AFTL, que ocorre, normalmente, em locais particulares como academias, clubes e associações⁴².

Por fim, a escolaridade da mãe pareceu influenciar a prática de AFTL somente nos rapazes, indicando que aqueles com mães mais escolarizadas eram mais prováveis de praticar AFTL. Sabe-se que adultos com maiores níveis de escolaridade parecem ser mais ativos fisicamente⁴⁴ e que esse comportamento pode influenciar os hábitos e atitudes dos filhos (mediante o encorajamento, os modelos parentais e o gosto dos pais pela AFTL)^{7,45}.

Quanto aos aspectos psicossociais para AF, verificou-se que rapazes e moças que gostavam de AF e que preferiam essa prática no tempo de lazer praticavam mais AF nesse domínio. Reconhece-se que indivíduos que demonstram mais expectativas positivas em relação a um determinado comportamento gostam mais de praticá-lo^{46,47}. Adicionalmente, aqueles que apresentam maior autoeficácia para AF, normalmente, percebem menos barreiras ou sofrem menor influência para a prática desse comportamento, costumam vivenciar novas experiências e desafios e tendem a gostar mais dessas atividades^{48,49}. Ressalta-se também que as atividades realizadas a partir da preferência do adolescente, em que a opção de escolha é arbitrária,

em confronto àquelas realizadas por determinação externa, geram mais prazer¹³ e, por conseguinte, estão mais suscetíveis a se tornarem hábitos mesmo em frente a desafios⁵⁰.

Em relação à interação dos aspectos psicossociais para a prática de AFTL, rapazes e moças que relataram gostar e preferir AF e que relataram gostar e preferir outra atividade realizavam mais essa prática em comparação àqueles que não gostavam de AF, independente de sua preferência. Apesar de não se ter encontrado estudos que tenham testado essa interação, destaca-se o caso de que as atitudes positivas voltadas à realização de AF podem influenciar e condicionar o comportamento ativo do adolescente^{8,10,51,52}.

A partir do exposto, cabe salientar que esse estudo apresentou alguns pontos fortes, como a seleção e o tamanho amostral, além de sua representatividade, permitindo a comparabilidade dos dados com demais estudos de caráter epidemiológico e de base escolar. Ainda, reconhecendo que um estilo de vida fisicamente ativo está associado a diferentes aspectos, como os sociodemográficos e os psicossociais, os resultados aqui apresentados podem auxiliar no planejamento e na implementação de ações políticas, sociais e educativas a fim de incorporar a prática de AF na vida diária dos adolescentes para que, futuramente, os hábitos mais ativos sejam refletidos também na vida adulta.

No entanto, embora o estudo apresente informações importantes para a área da AF, os resultados devem ser interpretados com cautela, tendo em vista algumas limitações. Inicialmente, deve-se considerar que as AF analisadas no presente estudo consideram somente aquelas realizadas no tempo de lazer, não sendo possível extrapolar os resultados para os demais domínios. Além disso, as informações reproduzidas nesse trabalho não representam a realidade dos adolescentes de escolas privadas, bem como daqueles com a mesma faixa etária, mas que não frequentam o ambiente escolar.

Em conclusão, verificou-se que, para os rapazes, a prática de AF foi maior naqueles que estudavam

no período diurno e que tinham mães com ensino médio. Para as moças, a chance de realizar AF foi menor naquelas com 17 e 18 anos, e maior para as que estudavam durante a noite e que tinham renda familiar maior ou igual a 6 salários mínimos. Outro importante achado mostra que maior gosto e preferência por AF foram fortemente associados com maior prática de AF em ambos os sexos. Ainda, um efeito sinérgico existe entre esses fatores psicossociais, indicando que aumentar essas percepções pode promover maior engajamento em AF nessa população.

Recomendações para futuras pesquisas devem incentivar a realização de estudos longitudinais, que envolvem análises de mediação e que investiguem outros aspectos psicossociais além do gosto e da preferência por AF. Além disso, a possibilidade de testar outras interações sobre a prática de AF também deve ser encorajada, para que seja possível compreender os motivos que levam os adolescentes adotarem e manterem o comportamento ativo a curto e/ou a longo prazo.

Adicionalmente, como orientações práticas, sugere-se que as atividades desenvolvidas com o público jovem despertem a curiosidade e o interesse do mesmo, estimulando a sua participação e o encorajando a manter um comportamento ativo. Dessa forma, independente do ambiente onde a prática é realizada, é necessário que essas atividades sejam adequadas e condizentes com o nível de competência do adolescente, e que permitam a valorização do seu esforço e da busca pela superação. Outro possível mecanismo para proporcionar mais atitudes positivas e até mesmo a manutenção da AF é a aplicação de estratégias que oportunizem o desenvolvimento de autonomia do indivíduo, atribuindo a posição de sujeito ativo e comprometido com a sua própria aprendizagem⁵¹. Sugere-se ainda que sejam oportunizadas mais alternativas de práticas de AFTL, bem como novas experiências que envolvam o movimento, a fim de permitir a esse grupo mais opções de escolha e, conseqüentemente, fomentar hábitos mais ativos e saudáveis.

Agradecimentos

Ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina por autorizar a realização do projeto nos dois anos de sua execução, aos gerentes das Gerências Regionais de Educação, aos diretores das escolas sorteadas, aos professores que cederam suas aulas e a todos os estudantes que participaram desse projeto. A todos os membros do Núcleo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde que participaram da coleta de dados.

Conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

Abstract

Leisure time physical activity: associated factors and e interaction with enjoyment and preference for practice in adolescents

The aims of this study were to investigate sociodemographic and psychosocial factors associated with physical activity in leisure time (PALT), and test the interaction between enjoyment and preference for physical activity (PA) on the practice of PALT according to sex. It was a cross-sectional study (Compac 2011 project) and representative of high school students (15-19 years old) from public schools in Santa Catarina, Brazil (n= 6,529). The outcome variable was the realization of any PALT, defined by self-report (yes/no). The exposure variables were sociodemographic (age, area of residence, family structure, period of school attendance, occupational status, family income, and maternal education) and psychosocial factors (enjoyment and preference for PA). Binary logistic regression models and interaction test were performed. PALT was associated with the period of school attendance ($OR_{\text{evening}} = 0.59$) and maternal education in boys ($OR_{\text{high school}} = 1.64$; $OR_{\text{college education}} = 1.55$) and, in girls, with age ($OR_{17 \text{ years}} = 0.70$, $OR_{18 \text{ years}} = 0.42$), period of school attendance ($OR_{\text{evening}} = 0.57$) and family income ($OR_{\geq 6 \text{ minimum wages}} = 1.42$). The enjoyment and preference also positively influence the achievement of PA in both sexes (boys: $OR_{\text{enjoys}} = 4.46$; $OR_{\text{prefers}} = 5.70$ and girls: $OR_{\text{enjoys}} = 4.04$; $OR_{\text{prefers}} = 3.10$). Finally, there was a synergistic effect between psychosocial factors, indicating that increase these perceptions can promote greater engagement in PALT in this population. It can be concluded that some sociodemographic factors appear to be more related to the practice of PALT than others, and the enjoyment and preference for PA showed a positive association and interaction with PALT.

KEYWORDS: Motor Activity; Students; Sociodemographic Factors; Psychosocial Aspects.

Referências

1. Centers of Disease Control and Prevention [CDC]. Physical Activity and Health: The Benefits of Physical Activity [Internet]. Centers for Disease Control: Atlanta; 2011[citado 20 de abril de 2015]. Disponível em: <http://www.cdc.gov/physicalactivity/everyone/health/index.html?s_cid=cs_284>.
2. Sousa CA, César CLG, Barros MBdeA, Carandina L, Goldbaum M, Marchioni DML, et al. Prevalência de atividade física no lazer e fatores associados: estudo de base populacional em São Paulo, Brasil, 2008-2009. *Cad Saúde Pública*. 2013;29:270-82.
3. Bauman AE, Reis RS, Sallis JF, Wells JC, loops RJ, Martin BW. Correlates of physical activity: why are some people physically active and others not? *The Lancet*. 2012;380:258-271.
4. Malta DC, Silva Junior JB. O Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis no Brasil e a definição das metas globais para o enfrentamento dessas doenças até 2025: uma revisão. *Epidemiol Serv Saúde*. 2013;22:151-164.
5. Moraes AC, Guerra PH, Menezes PR. The worldwide prevalence of insufficient physical activity in adolescents; a systematic review. *Nutr Hosp*. 2013; 28:575-584.
6. Barufaldi LA, Abreu GA, Coutinho ESF, Bloch KV. Meta-analysis of the prevalence of physical inactivity among Brazilian adolescents. *Cad Saúde Pública*. 2012;28:1019-1032.
7. Seabra AF, Mendonça DM, Thomis MA, Anjos LA, Maia JA. Determinantes biológicos e sócio-culturais associados à prática de atividade física de adolescentes. *Cad Saúde Pública*. 2008;24:721-36.
8. Keating XD, Guan J, Piñero JC, Bridges DM. A meta-analysis of college students' physical activity behaviors. *J Am*

- Col Health. 2005;52:116-26.
9. Bergh IH, Grydeland M, Bjelland M, Lien N, Andersen LF, Klepp K-I, et al. Personal and social-environmental correlates of objectively measured physical activity in Norwegian pre-adolescent children. *Scand J Med Sci Sports*. 2011;21:e315-24.
 10. Hardman CM, Barros SSH, Andrade MLSS, Nascimento JV, Nahas MV, Barros MVG. Participação nas aulas de educação física e indicadores de atitudes relacionadas à atividade física em adolescentes. *Rev Bras Educ Fís Esp*. 2013;27:623-31.
 11. Matias TS, Rolim MKSB, Schmoelz CP, Andrade A. Hábitos de atividade física e lazer de adolescentes. *Pensar Prát*. 2012;15:637-51.
 12. Santos MS, Hino AAF, Reis RS, Rodriguez-Añez CR. Prevalência de barreiras para a prática de atividade física em adolescentes. *Rev Bras Epidemiol*. 2010;13:94-104.
 13. Teixeira PJ, Carraça EV, Markland D, Silva MN, Ryan RM. Exercise, physical activity, and self-determination theory: a systematic review. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2012;9:78-107.
 14. Azevedo MR, Horta BL, Gigante DP, Sibbritt D. Continuidade da atividade física na coorte de nascimentos de 1982 de Pelotas. *Rev Bras Ativ Fis Saúde*. 2011;16:156-61.
 15. Bucksch J, Inchley J, Hamrik Z, Finne E, Kolip P. Trends in television time, non-gaming PC use and moderate-to-vigorous physical activity among German adolescents 2002–2010. *BMC Public Health*. 2014;14:351-60.
 16. Stalsberg R, Pedersen AV. Effects of socioeconomic status on the physical activity in adolescents: a systematic review of the evidence. *Scand J Med Sci Sports*. 2010;20:368-83.
 17. Dumith SC. Proposta de um modelo teórico para a adoção da prática de atividade física. *Rev Bras Ativ Fís Saúde*. 2008;13:52-62.
 18. Silva KS, Lopes AS, Hoefelmann LP, Cabral LGA, De Bem MFL, Barros MVG, et al. Projeto COMPAC (comportamentos dos adolescentes catarinenses): aspectos metodológicos, operacionais e éticos. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*. 2013;15:1-15.
 19. De Bem MFL. Estilo de vida e comportamentos de risco de estudantes trabalhadores do ensino médio de Santa Catarina [tese]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Física; 2003.
 20. Dumith SC, Domingues MR, Gigante DP, Hallal PC, Menezes AMB, Kohl HW. Prevalence and correlates of physical activity among adolescents from Southern Brazil. *Rev Saúde Pública*. 2010;44:457-67.
 21. Chen L, Haase AM, Fox KR. Physical activity among adolescents in Taiwan. *Asia Pac J Clin Nutr*. 2006;16:354-61.
 22. Paudel, S, Subedi N, Bhandari R, Bastola R, Niroula R, Poudyal AK. Estimation of leisure time physical activity and sedentary behaviour among school adolescents in Nepal. *BMC Public Health*. 2014;14:637-46.
 23. Weinberg R, Gould D. Gender issues in sport and exercise. In: Gisolfi C, Lamb D, editores. *Foundation of sport and exercise psychology*. Indianapolis: Benchmark Press; 1995.
 24. Wold B, Hendry L. Social and environmental factors associated with physical activity in young people. In: Biddle S, Sallis JF, Cavill N. *Young and active? Young people and health-enhancing physical activity - evidence and implications*. London: Health Education Authority; 1998.
 25. Bar-Or O, Rowland TW. *Pediatric exercise medicine: from physiologic principles to health care application*. Champaign: Human Kinetics; 2004.
 26. Bergmann GG, Bergmann MLdeA, Marques AC, Hallal PC. Prevalence of physical inactivity and associated factors among adolescents from public schools in Uruguiana, Rio Grande do Sul State, Brazil. *Cad Saúde Pública*. 2013;29:2217-29.
 27. Van der Horst K, Paw MJCA, Twisk JWR, Van Mechelen W. A brief review on correlates of physical activity and sedentariness in youth. *Med Sci Sports Exerc*. 2007;39:1241-50.
 28. Sallis JF, Prochaska JJ, Taylor WC. A review of correlates of physical activity of children and adolescents. *Med Sci Sports Exerc*. 2000;32:963-75.
 29. Ingram DK. Age-related decline in physical activity: generalization to non humans. *Med Sci Sports Exerc*. 2000;32:1623-29.
 30. Thorburn AW, Proietto J. Biological determinants of spontaneous physical activity. *Obes Rev*. 2009;1:87-94.
 31. Ortega FB, Konstabel K, Pasquali E, Ruiz JR, Hurtig-Wennlöf A, Mäestu J, et al. Objectively measured physical activity and sedentary time during childhood, adolescence and young adulthood: a cohort study. *PLoS One*. 2013;8:e60871-8.

32. Tenório MCM, Barros MVG, Tassitano RM, Bezerra J, Tenório JM, Hallal PC. Atividade física e comportamento sedentário em adolescentes estudantes do ensino médio. *Rev Bras Epidemiol.* 2010;13:105-17.
33. Gordia AP, Quadros TMB, Campos W, Petroski EL. Nível de atividade física em adolescentes e sua associação com variáveis sociodemográficas. *Rev Port Cien Desp.* 2010;10:172-9.
34. Jekauc D, Reimers AK, Wagner MO, Woll A. Prevalence and socio-demographic correlates of the compliance with the physical activity guidelines in children and adolescents in Germany. *BMC Public Health.* 2012;12:714-22.
35. Potvin L, Gauvin L, Nguyen NM. Prevalence of stages of change for physical activity in rural, suburban and inner-city communities. *J Commun Health.* 1997;22:1-13.
36. Beauchamp MR, Liu Y, Morton KL, Martin LJ, Wilson AH, Wilson AJ, et al. Transformational teaching and adolescent physical activity: multilevel and mediational effects. *Int J Behav Med.* 2014;21:537-46.
37. Mendonça G, Farias Júnior JCD. Physical activity and social support in adolescents: analysis of different types and sources of social support. *J Sports Sci.* 2015;33:1942-51.
38. Bruyn EH, Cillessen AHN. Leisure activity preferences and perceived popularity in early adolescence. *J Leisure Res.* 2008;40:442-57.
39. Sousa SZ, Oliveira RP. Ensino médio noturno: democratização e diversidade. *Educ Rev.* 2008;31:53-72.
40. Nahas MV. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina: Midiograf; 2010.
41. Kjønnsniksen L, Wold B, Fjørtoft I. Attitude to physical education and participation in organized youth sports during adolescence related to physical activity in young adulthood: a 10-year longitudinal study. *Eur Phys Educ Rev.* 2009;15:139-54.
42. Pan SY, Cameron C, DesMeules M, Morrison H, Craig CL, Jiang X. Individual, social, environmental, and physical environmental correlates with physical activity among Canadians: a cross-sectional study. *BMC Public Health.* 2009;9:1.
43. Silva DAS, Silva RJS. Padrão de atividade física no lazer e fatores associados em estudantes de Aracaju-SE. *Rev Bras Ativ Fís Saúde.* 2008;13:94-101.
44. Plotnikoff RC, Mayhew A, Birkett N, Loucaides CA, Fodor G. Age, gender, and urban-rural differences in the correlates of physical activity. *Prev Med.* 2004;39:1115-25.
45. Ornelas IJ, Perreira KM, Ayala GX. Parental influences on adolescent physical activity: a longitudinal study. *Int J Behav Nutr Phys Act.* 2007;4:1-10.
46. Hashim H, Grove RJ, Whipp P. Validating the youth sport enjoyment construct in high school physical education. *Res Q Exercise Sport.* 2008;79:183-94.
47. Seefeldt V, Malina RM, Clark MA. Factors affecting levels of physical activity in adults. *Sports Med.* 2002;32:143-168.
48. Dishman RK, Motl RW, Saunders R, Felton G, Ward DS, Dowda M, et al. Enjoyment mediates effects of a school-based physical-activity intervention. *Med Sci Sports Exerc.* 2005;37:478-87.
49. Fu Y, Gao Z, Hannon J, Shultz B, Newton M, Sibthorp J. Influence of a health-related physical fitness model on students' physical activity, perceived competence, and enjoyment. *Percept Motor Skill.* 2013;117:956-70.
50. Caldwell LL, Witt PA. Leisure, recreation, and play from a developmental context. *New Dir Youth Dev.* 2011;2011:13-27.
51. Caetano A, Januário C. Motivação, teoria das metas discentes e competência percebida. *Pensar a Prát.* 2009;12:1-12.
52. Graham DJ, Wall MM, Larson N, Neumark-Sztainer D. Multicontextual Correlates of Adolescent Leisure-Time Physical Activity. *Am J Prev Med.* 2014;46:605-16.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA:

Cecília Bertuol
Rua Engenheiro Agrônomo Andrei
Cristian Ferreira, s/n - Trindade
Florianópolis – SC - BRASIL
CEP: 88040-900
E-mail: bertuolcecilia@gmail.com;
cecilia_bertuol@hotmail.com

Submetido: 16/09/2016
Revisado: 20/12/2017
Aceito: 07/05/2018